

O «NOSSO» BRASIL

Publicado no “Jornal de Letras”, edição de 14 de Setembro de 2005

QUE SE acalmem os leitores de raciocínio mais veloz e precipitado. O título desta crónica não significa que o seu autor tenha sido atacado por uma fúria imperial restauracionista. A crise brasileira do “mensalão”, que lança desânimo e descrença onde antes havia esperança, não pode ser olhada com qualquer condescendência ou superioridade moral a partir de Portugal.

Longe de mim, mesmo muito longe, a ideia de querer quebrar o fio já longo da nova história aberta pelo grito do Ipiranga, que em 1822 transformou o Brasil numa nação inteiramente soberana e independente. O título pretende apenas expressar, de forma simples e contundente, aquilo que todos nós pressentimos, de forma mais ou menos confusa: a relação especial entre Portugal e o Brasil. Uma relação que no actual ambiente de pessimismo e descrença que se vive nos dois países vale a pena ser recordado.

Essa relação não é secundária e exterior, mas essencial e interior. É uma relação que não se constrói no plano de um turismo superficial, mas no quadro da nossa própria alma. O que quero afirmar é apenas isto, com todas as suas implicações: só depois de conhecermos um pouco da realidade brasileira estamos em condições de conhecer um pouco (ou muito...) mais sobre nós próprios. Agostinho da Silva sintetizou uma ideia semelhante quando escreveu que «o brasileiro é um português à solta».

O «NOSSO» Brasil é interior, revela uma parcela da nossa identidade mais oculta. O Brasil é uma metáfora de tudo aquilo que transformou a pequena nação portuguesa num país incontornável na história mundial.

Com o Brasil, a língua portuguesa tornou-se numa língua universal, à frente, hoje, em número de falantes, do próprio francês e do alemão. Outros povos de navegadores hábeis, como é o caso da Holanda, foram capazes de construir impérios e até de os administrar mais eficazmente. Contudo, o Brasil revela o modo como uma parte da colonização portuguesa se fez: com o risco e a entrega total, a única que permite que a língua e a religião fiquem como o traço radical de identidade dos povos antes submetidos.

O Brasil revela também algumas «originalidades» históricas portuguesas. Ao contrário dos EUA, que se separaram da mãe britânica pela via de duas sangrentas guerras (1775-1783 e 1812-1815), o Brasil separou-se quase paulatinamente de Portugal. Primeiro, Napoleão com as suas invasões, transformou o Rio de Janeiro, de cidade colonial, em capital imperial. Depois, o amor de D. João VI pelo Brasil transformou-o em Reino, em 1815. Durante alguns anos este monarca governaria sobre o Reino Unido de Portugal e do Brasil, numa espécie curiosa de federalismo monárquico.

O MAIS importante, contudo, é que ao compreendermos a forma como o Brasil faz parte da nossa identidade nacional, façamos um esforço para não cairmos na tendência para o anacronismo fácil: não julguemos a violência e a intolerância inerentes ao processo de colonização com os valores e os preconceitos dos nossos dias. Esse é o erro mortal do anacronismo que tudo polui e corrompe.

A história não é um tribunal. A única forma de redimir as injustiças cometidas no passado consiste em ser capaz de não as repetir no futuro. Também aí o Brasil tem connosco uma relação de pertença interior. O futuro do Brasil e o futuro de Portugal entrelaçam-se mutuamente na ideia de que, apesar das distâncias, há uma afinidade fundamental que anima o esforço dos dois povos no combate comum contra a pobreza, contra a degradação ambiental, bem simbolizada pela extensa e preciosa Amazónia, contra a exclusão da cidadania e a corrupção do espaço público. Sobretudo, contra a corrosiva acidez do desalento, que, como escreveu genialmente Hannah Arendt, há já algumas décadas, só é possível se percebermos que é a natalidade, o renascer da vida, a sucessão das gerações, o elemento metafísico essencial da condição humana.

Viriato Soromenho-Marques